



Schell, Deise Cristina. "El archivero de Rosas: Pedro de Angelis y la producción del Archivo Americano".  
*Estudios de Teoría Literaria. Revista digital: artes, letras y humanidades*, noviembre de 2020, vol. 9, n° 20, pp. 369-380.

# El archivero de Rosas: Pedro de Angelis y la producción del Archivo Americano

The Rosas' archivist: Pedro de Angelis  
and the creation of the Archivo Americano

Deise Cristina Schell<sup>1</sup>

Recibido: 15/08/2020

Aceptado: 02/09/2020

Publicado: 09/11/2020

## Resumen

Entre los años 1843 y 1851, Pedro de Angelis fue el editor responsable del *Archivo Americano* y *Espíritu de la Prensa del Mundo*. Este artículo se propone analizar la producción del periódico, pensándolo como un conjunto documental conformado y reunido por el erudito bajo el mando de Juan Manuel Rosas y del rosismo. De Angelis eligió, recolectó y publicó en el Archivo Americano documentos de su tiempo, de la realidad política que vivía. Él construyó así un archivo para divulgar y conservar el presente. Mientras tanto, producía la memoria del rosismo en oposición a las versiones de la actualidad publicadas por los enemigos de Rosas, tales como los intelectuales de la Generación de 1837.

## Palabras clave

Pedro de Angelis; Archivo Americano; archivo; rosismo; memoria; periodismo.

## Abstract

Pedro de Angelis was the editor responsible for the *Archivo Americano* and *Espíritu de la Prensa del Mundo* from 1843 to 1851. This paper analyses such a newspaper as a series of documents he assembled during Juan Manuel de Rosas' administration. De Angelis selected, collected, and published contemporary documents regarding the political scenario. By doing this, he created an archive to promote and preserve the present time while produced the Rosism memory as opposed to its contemporary enemies, such as the 1837 generation intellectuals.

## Keywords

Pedro de Angelis; Archivo Americano; archive; rosism; memory; journalism.

<sup>1</sup> Doutora em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Brasil). Sua tese intitulou-se "Entre coleções e arquivos: Pedro de Angelis e a produção de conjuntos documentais (Buenos Aires, 1835-1852)". Professora Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Contato: deiseschell@unisinos.br



## Introdução

**1** 843. Pedro de Angelis ocupava o cargo de segundo arquivista *do Archivo General de la Provincia de Buenos Aires* havia três anos. Se, por um lado, finalmente exercia o ofício que desde 1836 pretendia,<sup>2</sup> por outro, o erudito napolitano acabava de ver completamente frustradas duas tentativas de publicar novas compilações de documentos históricos. Um dos projetos era uma continuação da *Colección de obras y documentos relativos a la Historia Antigua y Moderna de las Provincias del Rio de la Plata* editada por ele entre 1835 e 1839, como anunciara no prospecto que enviou aos possíveis assinantes no início de 1841. Mas nem para esta “segunda serie de documentos inéditos” (De Angelis, *Circular*), nem para o conjunto de fontes que se intitularia *Memorias históricas de las dos expediciones, dirigidas contra los establecimientos del Río de la Plata en 1806 y 1807 ó serie completa de los documentos oficiales que les son relativos*,<sup>3</sup> Pedro de Angelis havia conseguido o número de subscritores de que precisava. Por falta de interesse do público leitor e de recursos para produzi-las, elas jamais foram lançadas.

Naquele ano, os embates e as maiores ameaças ao governo de Juan Manuel de Rosas começavam a se estabelecer em Montevideú e outras partes do exterior. A capital oriental, então cercada pelas tropas de Manoel Oribe com o apoio de Rosas, chegou a ser chamada por Alexandre Dumas de *Nouvelle Troie* pela resistência que impunha ao governador argentino – resistência que, gradualmente, passava a contar com o apoio de representantes da Inglaterra e da França.<sup>4</sup> O enfrentamento não era só armado, mas ocorria também no plano das ideias. Desde a outra margem do Prata (e também do Chile, do Brasil e de outros lugares para onde se deslocaram), intelectuais argentinos exilados, auxiliados por letrados do Uruguai, produziam tanto “virulentas diatribas contra Rosas” como “proyectos de país para cuando la caída del rosismo se concretara” (Ternavasio 236), expressos textual e imagetivamente em jornais, panfletos e livros que passaram a circular pelo mundo, inclusive dentro da própria Buenos Aires. Dentre estes intelectuais, destacaram-se os românticos da jovem geração agrupada a partir de 1837, como se sabe. Eles tiveram ativa atuação oposicionista em fins da década de 1830 e durante toda a década de 1840, sendo protagonistas da propaganda antirosista. Para pelear em favor de Rosas na “batalla de las ideas” (Ternavasio 236) ou “guerra de los papeles” (Román 49) que se desenrolava, Pedro de Angelis era, então, acionado.

## O arquivista de Rosas

Juan Manuel de Rosas pretendia produzir um jornal que circulasse e fosse lido não só no Prata, mas na maior parte possível das nações ao sul e ao norte da América e na Europa e, assim, demarcar a posição e a versão do governo bonaerense diante do conflito platino, das

<sup>2</sup> Em janeiro de 1836, De Angelis dirigiu uma carta ao governo de Rosas, na qual se oferecia para ser segundo arquivista do *Archivo General* em lugar de Mariano de Vega, que havia deixado o cargo, sugerindo ser uma pessoa apropriada e confiável para assumir o trabalho. Estava tão disposto para servir ao governo como arquivista que dizia se dispor ao ofício “sin ninguna retribución, ni emolumento” (De Angelis, *Carta ao Governo*). Somente em agosto de 1840 alcançou o posto reclamado, assumindo o lugar de Lorenzo Fuentes.

<sup>3</sup> Tratava-se de uma coletânea com temática específica: as invasões inglesas ao vice-reinado do Rio da Prata que antecederam as guerras de Independência. O prospecto no qual De Angelis apresentava-a e divulgava-a circulou em 1843.

<sup>4</sup> Em 1843, o comodoro inglês Purvis levantou o bloqueio que a Confederação Argentina havia iniciado ao porto de Montevideú, permitindo que comesçassem a chegar socorros por água: durante os nove anos em que o cerco duraria, esta seria a única entrada de recursos à cidade sitiada. Segundo Halperin Donghi, “mientras tanto, marinos franceses desembarcaban en Montevideo, invocando [...] la necesidad de proteger a sus connacionales” (365). Este seria o início de uma longa intervenção anglo-francesa no embate entre Buenos Aires e Montevideú.

intervenções de França e Inglaterra e da propaganda contrária ao regime que era difundida pelos exilados. O projeto foi encomendado a De Angelis. Um erudito italiano versado em outras línguas que não só o espanhol, legitimado por sua filiação em agremiações ilustradas, com longa experiência na redação de jornais oficiais, que acumulava conhecimento e atividade em tipografia e que era fiel servidor do governo, como não cansava de se declarar, possivelmente era a melhor opção para essa tarefa.<sup>5</sup> Em um momento em que o regime começava a ser associado à barbárie pela pena dos intelectuais exilados, contar com o trabalho de Pedro de Angelis poderia dar a entender que, ao contrário do que divulgavam seus opositores, a Confederação não dava as costas ao desenvolvimento das letras e do conhecimento, procedimento estatal que começava a ser corrente no mundo tido como civilizado.<sup>6</sup> Assim, mesmo que voltar ao jornalismo não fosse exatamente o que o napolitano almejava fazer como ofício naquele momento (ele tinha um cargo no *Archivo General* e ainda tentava publicar coleções dos documentos que possuía, como vimos anteriormente),<sup>7</sup> ele assumia o compromisso de pensar aquela que viria a ser a principal publicação periódica do rosismo.

Nos planos do italiano, o impresso a ser lançado deveria conter não só artigos editoriais inéditos de sua autoria em defesa do sistema e do governante: nele também deveriam ser selecionados e compilados os artigos favoráveis ao rosismo e ao seu líder que saíam nos jornais editados em Buenos Aires e em outros noticiosos do globo, bem como documentos oficiais referentes às ações e às decisões de Rosas. Assim, tanto os títulos sugeridos para o periódico nos rascunhos que enviava ao próprio governador da Província – *Archivos diplomáticos y políticos de la Confederación Argentina*, *Memoria para la historia contemporánea de la Confederación Argentina* e *Efemérides históricas y políticas de Buenos Aires* (De Angelis, *Carta a Juan Manuel de Rosas*, 1843) – quanto aquele que, por fim, foi definido – *Archivo Americano y Espíritu de la Prensa del Mundo* – sugerem a intenção de De Angelis de conformar um novo arquivo de documentos, agora do tempo presente, para forjar uma dada memória do experienciado na Confederação Argentina, divulgá-la em seu tempo e guardá-la para o futuro. Assim foi.

O *Archivo Americano y Espíritu de la Prensa del Mundo* começou a ser lançado imediatamente após as primeiras trocas de impressões entre Pedro de Angelis e Juan Manuel de Rosas sobre o material, em maio de 1843. Desde junho daquele ano até janeiro de 1847, foram lançadas 32 edições do jornal, e entre março de 1847 e dezembro de 1851, um segundo conjunto com mais 29 números veio à público. De Angelis se manteve à frente da editoria durante todo este tempo, sendo também o responsável pela redação, impressão, gestão e pelas finanças da publicação. Não se tratou de um projeto tímido: com circulação internacional, cada edição teve dois mil exemplares impressos (algumas vezes esse número era alterado com

<sup>5</sup> Segundo Andrea Reguera, a confiança e a lealdade à causa eram elementos essenciais para Rosas escolher as pessoas que o cercavam e conservá-las em seu entorno: “así como la traición a la confianza se pagaba con el destierro, la lealtad se premiaba” (69). As nomeações de De Angelis como segundo arquivista do *Archivo General* e editor do *Archivo Americano* e a sua manutenção nessas posições ao longo do governo são sinais de que o italiano tinha credibilidade perante o governador.

<sup>6</sup> Em *Conflicto y armonías de las razas en América* (1883), Domingo F. Sarmiento interpretou desta forma a relação estabelecida entre o rosismo e a nossa personagem: “Rosas tomó alquilada la erudita pluma de Angelis, un italiano, para cubrir la desnudez de su literatura de apodos, epítetos y sobrenombres y aclamaciones” (381). No mesmo sentido, em 1847 Esteban Echeverría escreveu no *Dogma Socialista*: “Además, el Restaurador debía necesitar un abogado de tres lenguas de la talla de Fadladeen para que lo defendiese ante la barra de las naciones civilizadas” (206).

<sup>7</sup> Em carta ao amigo Carlos Zucchi, ele contou – não muito satisfeito, mas já comprometido – de sua nova atribuição como editor do *Archivo Americano*: “Eu fui obrigado a retomar a minha antiga e enfadonha carreira de escritor público. Veio uma delegação de notáveis do país que me tirou da minha obscuridade: tal como estão as coisas, eu teria sido no mínimo descortês se tivesse recusado sua proposta. Eis-me, então, lançado neste mar tempestuoso da imprensa periódica (De Angelis, *Carta a Carlos Zucchi* 243, tradução minha).

variações pouco significantes) que deveriam ser compreendidos também fora do mundo hispanofalante. Assim, enquanto o erudito aconselhava, em seu esboço inicial, que o periódico fosse escrito em espanhol e em francês, “por ser la lengua diplomática de todos los estados europeos, y de todas las clases ilustradas” (De Angelis, *Carta a Juan Manuel de Rosas*, 1843), o governador expandia a proposta e determinava que trouxesse também seus textos em inglês, sendo necessária a contratação de tradutores. Por esta razão, o impresso foi, desde sua primeira tiragem, trilingue. As listas de leitores preparadas por De Angelis e aprovadas por Rosas demonstram para quem o *Archivo Americano* deveria ser especialmente enviado, indicando o seu público-alvo: eram governantes, congressistas e parlamentares, ministros de relações exteriores, embaixadores, jornalistas, editorias de periódicos, membros das elites, letrados e sociedades científicas, especialmente na França, na Inglaterra e nos Estados Unidos.

Como os textos em espanhol eram sempre acompanhados de suas respectivas traduções em outros dois idiomas, os números do *Archivo Americano* acabavam bastante extensos, o que demandava um árduo trabalho tipográfico e gráfico da parte de Pedro de Angelis (Baltar 110). Não bastasse isto, a produção do erudito para o periódico foi constantemente examinada por Juan Manuel de Rosas. Quase tudo passava pelo crivo do “restaurador de las leyes”, em um vai e vem de *carpetas* entre escritórios e gabinetes que durou os oito anos e meio de vida do jornal.<sup>8</sup> Pelas intervenções feitas por Rosas no trabalho de edição do *Archivo Americano*, alguns estudiosos, como Félix Weinberg e Adriana Amante, chegaram a afirmar que era ele, na verdade, o principal responsável pela publicação.<sup>9</sup> A partir da leitura das mensagens contidas nas *carpetas*, no entanto, verifica-se que quem sugeria a pauta, recolhia e selecionava os materiais que iam ao prelo, bem como escrevia os editoriais e outros artigos inéditos para o *Archivo Americano* era Pedro de Angelis. Rosas era um avalista, um corretor e um censor, poucas vezes recomendando ou encomendando conteúdo a De Angelis. No exame destes documentos se pode observar ainda que o método de trabalho instaurado pelos dois foi sendo aprimorado ao longo do tempo. As mensagens de 1846 a 1849 demonstram que a troca de mensagens foi sendo sistematizada: o erudito enviava as listas dos materiais a serem publicados, perguntava quantos exemplares deveriam ser impressos e remetia as contas e os recibos dos gastos das edições para o governador. O último respondia de maneira cada vez mais pragmática, com respostas sintéticas e quase automáticas, deixando, ao que parece, o erudito ter mais autonomia em sua produção.<sup>10</sup> É possível perceber, pois, que a afinidade de trabalho, a confiança e a proximidade profissional foram se estreitando conforme os anos passavam. Por essas razões, afirmo, como já fizeram Ignácio Weiss, Josefa Sabor e Rosalía Baltar, que o *Archivo Americano* y *Espíritu de la Prensa del Mundo* foi fruto de um trabalho de colaboração entre Pedro de Angelis e Juan Manuel de Rosas,<sup>11</sup> ainda que o napolitano fosse o principal

<sup>8</sup> A troca de ideias entre De Angelis e Rosas sobre a edição do *Archivo Americano* foi feita durante todo o tempo em que o jornal foi impresso. A comunicação funcionava por um sistema de mensagens escritas em papéis inseridos em *carpetas* que circulavam desde o escritório de um até o do outro pelas mãos de funcionários do governo; cada mensagem produzida por De Angelis ou Rosas era respondida pelo destinatário no corpo da própria página recebida para que retornasse ao remetente inicial. Os assuntos de que trataram os interlocutores na correspondência iam desde resoluções sobre temática, diagramação, tradução, circulação, orçamento, finanças e impressão até correções de artigos editoriais e elaboração dos índices de conteúdo do jornal.

<sup>9</sup> Weinberg defendeu que a posição De Angelis era de simples obediência e humilhação diante das demandas e ordens de Rosas para o *Archivo Americano* (84). Já Amante afirmou que o governador da Província de Buenos Aires era “su verdadero director – y hasta, podríamos decir, su autor” (58).

<sup>10</sup> Rosas utilizava na comunicação com cada vez mais frequência simples “Vuelve aprobado”, “Lo devuelvo aprobado” ou “Aprobado”, enquanto De Angelis respondia seu curto e habitual “Quedo enterado”. O número de materiais sugeridos reprovados pelo governador diminuiu consideravelmente a partir de 1848.

<sup>11</sup> Weiss argumentou que a publicação foi “redactada em colaboración entre Pedro de Angelis e Juan Manuel de Rosas” (22) e Baltar afirmou que as correções do governador evidenciam “una práctica que parece haber sido

responsável pelo projeto e pelo processo de elaboração de periódico como um todo. Há que se ressaltar que De Angelis ficou especialmente marcado pela autoria dos artigos editoriais que escreveu para o *Archivo Americano* em defesa do governo, como *El General Rosas y los salvajes unitarios*, *Dogma Socialista de la Asociación de Mayo: Juicio a este libelo* e *De la navegación de los ríos*, impressos em partes que se distribuíram em diferentes edições do jornal.

É inegável que houve um grande esforço para que a participação de Rosas e do governo na produção do *Archivo Americano* fosse invisibilizada e que só sabemos dela pelo acesso aos papéis que contêm a comunicação interna efetuada por ele e seu funcionário. Pedro de Angelis assinava o jornal como o “Editor Responsable” e essa informação constava logo abaixo do índice geral de todas as edições, sem haver menção a nenhum outro colaborador, nem mesmo os tradutores. Além disso, por uma proposição de De Angelis convenientemente aprovada por Rosas,<sup>12</sup> todos os números do *Archivo* traziam estampados o nome e o endereço da *Imprenta de la Independencia*, de propriedade do italiano. Como é possível verificar nas contas e nos recibos de pagamento do governo ao editor, o periódico era, na verdade, rodado na *Imprenta del Estado* que pertencia ao governo e era arrendada pelo erudito. Desta maneira, fazia-se parecer que o *Archivo Americano* era uma publicação independente, sem relação oficial com a gestão rosista e, menos ainda, com Rosas em si.<sup>13</sup>

Apesar de o jornal nunca ter tido uma periodicidade de publicação fixa e determinada, as atividades como editor responsável demandaram uma dedicação praticamente integral de Pedro de Angelis. É bastante provável que o esforço dedicado a cumprir todos os afazeres assumidos na publicação o tenham afastado de suas atividades no *Archivo General*. Ele seria, agora, muito mais arquivista do *Archivo Americano* do que do repositório público, ainda que continuasse a ser oficialmente seu funcionário. Mais do que isso, a partir de então o erudito pareceu dissuadido de suas tentativas de publicar em seu nome novas coletâneas documentais sobre o passado: de 1843 a 1851, seu ofício principal foi produzir, para o governo, um arquivo para guardar e divulgar os documentos do presente da Confederação rosista. De Angelis era, oficial e extra-oficialmente, o *arquivista* de Rosas.

### Um *Archivo* para divulgar e guardar o presente do rosismo

Assim como os outros projetos iniciados por Pedro de Angelis, o novo impresso foi divulgado antes de seu lançamento através de uma propaganda inserida nos jornais portenhos e enviada por correspondência ao seu pretendido público assinante. Abaixo do corrente cabeçalho “¡Viva la Confederación Argentina! ¡Mueran los Salvajes Unitarios!”, o “prospecto de un nuevo periódico intitulado *Archivo Americano y Espíritu de la Prensa del Mundo*” anunciava:

La multiplicidad de los acontecimientos que presenciamos, la prontitud con que se desenvuelven en Europa y América, y la dificultad de conservar su recuerdo, nos han decido á emprender la publicación de una obra, cuyo principal objeto es perpetuarlo. [...]

habitual en De Angelis: la colaboración permanente que existía entre las distintas personas con el fin de ejecutar una obra” (99-100). Já Sabor sustentou que Rosas “ejerció una codirección” do *Archivo Americano* (105), mas que o tempo fez com que o seu papel fosse mais o de um colaborador (108).

<sup>12</sup> No esboço ao *Archivo Americano* enviado ao governador em maio de 1843, De Angelis escreveu: “Alguna imprenta debe nombrarse? Si no conviene tomar el nombre de la Imprenta del Estado, podría hacerse uso del de mi imprenta, que es la Imprenta de la Independencia”. Ao que Rosas respondeu: “No debe somarse la Imprenta del Estado – Puede serlo la de la Independencia” (De Angelis, *Carta a Juan Manuel de Rosas*, 1843)

<sup>13</sup> Ressalto que esta era uma estratégia exatamente contrária à construída por De Angelis quando da publicação da *Colección de obras y documentos* (1835-1839), a qual ele fez questão de relacionar a Rosas ao dedicá-la ao governador e ao editá-la a partir da imprensa estatal. Naquela ocasião, fazer isso talvez significasse também a garantia da impressão e da circulação da obra na Província de Buenos Aires, algo como a obtenção de um “salvoconducto para publicar” como sugeriu Rosalía Baltar (119).

Perseverantes en el fiel desempeño de nuestros deberes, lo seremos también en fomentar, en cuanto penda de nosotros, el espíritu nacional Americano. Las columnas de nuestro diario no admitirán sino lo que sea digno del noble y patriótico objeto que nos hemos propuesto (qtd. in Weiss 24).

Ao apresentar o jornal aos seus leitores, De Angelis demonstrava duas ideias que, como se verá nas próximas páginas, justificavam e legitimavam a existência do empreendimento. A primeira delas era a necessidade de perpetuar um determinado “*recuerdo*” dos múltiplos acontecimentos contemporâneos, dada a rapidez com que eles se desenrolavam no Prata e, em conexão, no restante da América e na Europa. A percepção da aceleração do tempo vivido, mesmo que resultasse na dificuldade de conservação do presente, demandava o registro e a guarda daquilo que ocorria – ou pelo menos, daquilo que se escolhia registrar e guardar.<sup>14</sup> A segunda ideia era o dever de, naquele momento, fomentar o chamado “espírito nacional Americano”, divulgando e cimentando uma parte essencial do discurso rosista: aquilo que Jorge Myers (1995) chamou de “americanismo”.

Pedro de Angelis, assim, intervinha no *Archivo Americano* para produzir e tentar consolidar eventos e verdades a partir do ponto de vista e dos interesses do rosismo e de seu líder,<sup>15</sup> em contraposição às imagens narradas e com antecipação às que ainda viriam a ser contadas pelos “inimigos” da Confederação, fossem as nações que a ameaçavam e inquietavam, fossem os articulados proscritos românticos. O periódico seria um instrumento de registro e legitimação das ideias, intervenções e dos atos de Rosas e seu grupo e, também, de apagamento e manipulação das interpretações e ações dos seus oponentes. Se o presente e a orientação da sua lembrança e/ou do seu esquecimento eram objetos de disputa, conformar um “*Archivo*” e lançá-lo ao mundo parecia apropriado. Artigos jornalísticos e textos editoriais escritos pelo erudito ou por outros jornalistas (o “espírito de la prensa del mundo”, “sobrenome” do periódico) não bastariam para representar o presente, projetá-lo ao público coetâneo e vindouro e guardar a memória do governo de Rosas sobre o vivido. Era preciso também “capturar” os acontecimentos daqueles anos e “refletir” o funcionamento e as atividades do sistema rosista nos documentos escritos – em sua maioria oficiais – que Pedro de Angelis selecionaria e publicaria a partir de então, produzindo um acervo do qual a Confederação Argentina “podrá preciarse en todo tiempo” (*Archivo Americano No. 1*, 1).

Já que o presente era o tempo abordado no jornal, invocar a ideia de um arquivo que reunia documentos remetia a uma imparcialidade e a uma autenticidade que o texto de um cronista, de uma testemunha a descrever os sucessos correntes, por si só, não forneceria.<sup>16</sup> Assim, por mais que o *Archivo Americano* trouxesse artigos e editoriais escritos por Pedro de Angelis – um rosista a narrar os acontecimentos que via e vivenciava, portanto – seria a documentação publicada o mecanismo que garantiria a objetividade e a verdade do impresso. Na edição de 28 de janeiro de 1847, por exemplo, De Angelis lançava mão, em meio a um texto

<sup>14</sup> Para François Hartog, o tempo parecia acelerar-se na percepção dos sujeitos da primeira metade do Oitocentos: Chateaubriand, por exemplo, afirmava que os acontecimentos corriam mais rápido do que sua pena podia registrar, o que tornava o presente praticamente inapreensível (*Regímenes*, 105). É este o sentido do “rápido movimiento de la historia” (Hartog, *Regímenes* 106) que Pedro de Angelis descreveu ao falar da “multiplicidade dos acontecimentos que presenciamos, a prontidão com que se desenvolvem na Europa e na América” e é o que, suponho, motivava-o a tentar apreender o vivido.

<sup>15</sup> Lembrando, conforme Marshall Sahlins, que “um evento não é somente um acontecimento no mundo; é a relação entre um acontecimento e um dado sistema simbólico [...]. O evento é a interpretação do acontecimento, e interpretações variam” (191).

<sup>16</sup> Como indicou Hartog ao falar sobre a crescente prevalência do documento diante do papel da testemunha ao longo do Oitocentos: “As ‘vozes’ tinham se transformado em ‘fontes’ e, ao final dessa transformação, as ‘testemunhas’ chegaram mesmo a acreditar que deviam assemelhar-se a historiadores” (*A testemunha* 12).

seu chamado *El Doctor Francia*, de documentos relativos ao líder paraguaio falecido em 1840 e afirmava: “La referencia de los dichos y hechos del doctor Francia no es una declaración nuestra, y menos del Gobierno Argentino, porque nuestro diario no es oficial: es el relato de sucesos que están en el dominio de la publicidad y de la historia” (*Archivo Americano No. 32*, 43). O italiano, então, tentava afirmar a autoridade de quem reproduzia o que estava já nos “domínios da publicidade e da história” e,<sup>17</sup> mais do que isso, buscava forjar a neutralidade de seu lugar de escrita ao afirmar que o *Archivo Americano* não era um impresso oficial (o que já sabemos não ser verdade, visto que era editado na *Imprenta del Estado*, contava com o financiamento estatal e tinha o próprio governador da Província de Buenos Aires como colaborador).

Não é por acaso que, ao contestar textos de jornalistas que criticavam o governo e as ações de Rosas, o erudito italiano tentava invalidá-los justamente ressaltando que na produção daqueles trabalhos havia falta de parcialidade e distanciamento ao observar o que ocorria no Prata e ausência de rigor e de provas documentais ao analisar os fatos coetâneos. Não poucas vezes, dizeres como os seguintes aparecem nas páginas do *Archivo*: “El que se propone escribir con parcialidad no adopta ciegamente las opiniones de ningún partido, no repite lo que otros han imaginado. Examina, compara, discute y pone esmero particular en averiguar los hechos para presentarlos” (*Archivo Americano No. 13*, 192). Na edição de número 13 da primeira série, De Angelis comentava um relato escrito pelo editor do *La Presse* sobre “Montevideo, la cuestión del bloqueo del Plata, el estado presente de esta cuestión, y el General Rosas” (*Archivo Americano*, 363), intitulado *Cartas sobre la América del Sud* e publicado no próprio periódico francês. Ao tempo que reconhecia o “estilo ameno y elegante” e “todo el mérito del ilustrado autor”, o italiano afirmava que havia faltado a ele “penetrar hasta el fondo de la situación” platina e da gestão de Rosas e que, por isso, “ha impelido al exceso ciertas costumbres, ó imaginado otras ya en la guerra, ya en la política” (*Archivo Americano Tomo I*, 363). Para combater o alegado excesso e a suposta imaginação do editor do *La Presse* ao construir seu relato, Pedro de Angelis transcrevia documentos – neste caso, *proclamas* de Juan Manuel de Rosas dirigidas aos soldados que liderou na Campanha do Deserto:

El escritor de las Cartas piensa que el General Rosas delegó su poder á fin de 1832 para emprender la expedición a los indios, que terminó con tanta gloria. No ocurrió esa delegación. La legislatura de Buenos Aires, que en vano había exigido del General Rosas la continuación en el mando Supremo, al devolver este las facultades extraordinarias, eligió Gobernador al General Balcarce por el término ordinario de un trienio. Este hecho es notorio; y así lo comprueba un importante documento que recordamos ahora, y no podemos dejar de publicar por su interés. Con él inició el General Rosas la expedición; y su lectura rectificará algunas equivocaciones del ilustrado Editor de las Cartas. (*Archivo Americano Tomo I*, 383)

No mesmo sentido, no *Archivo* publicado em outubro de 1844, De Angelis criticava um artigo da *Revue des Deux Mondes* por basear-se na “irreflexiva acquiescencia á los hechos apócrifos, é inculpaciones falsas que los emigrados arrastran por todas partes lejos del teatro en que se desvanecieron sus sueños” (*Archivo Americano Tomo I*, 521). Ao contrário de acreditar naquilo que diziam os opositores de Juan Manuel de Rosas, segundo o napolitano, dever-se-ia “discernir la verdad, rechazando las sugerencias personales del odio, no menos que los exagerados

<sup>17</sup> “Ao ‘eu vi’ que fundamentara a escrita histórica em suas formas clássicas, corresponde agora o ‘eu li’ da consulta dos arquivos e acervos”, informa Manoel Salgado Guimarães (51). A documentação do *Archivo Americano* era selecionada por um conhecedor da bibliografia e dos manuscritos sobre a região do Rio da Prata, o que conferia certa autoridade a De Angelis. Ele não só via e vivia acontecimentos, mas estudava em livros e fontes: era autoridade erudita.

encomios del entusiasmo, para adoptar solo hechos evidentes y comprobados, y correlacionar el juicio de estos con el cuadro general de los acontecimientos” (*Archivo Americano Vol. I*, 521). Para Pedro de Angelis, o autor do texto da *Revue*, um viajante que havia passado pela América, era prejudicado pela “falta absoluta de documentos conocidos para la historia de los antiguos tiempos y de los modernos de esta República”, com os quais estaria “poco familiarizado” e que “habrían alumbrado sus exámenes con una luz menos enganosa” (*Archivo Americano Tomo I*, 523).

Para remediar situações como essa, a edição de 31 de julho de 1845 do *Archivo Americano*, o vigésimo da primeira série, trazia alguns “documentos para mayor esclarecimiento de la cuestión del Río de la Plata” (*Archivo Americano Tomo II*, 330). De Angelis argumentava, ao tornar públicos os papeis, que

Todo lo que contribuye á fortificar las convicciones rectas, á demostrar juicios exactos, y á prevenir, en ciertas personas de responsabilidad, errores ó pasiones que pueden ser funestísimas, es ciertamente digno de que todos lo sepan, mediten y decidan. Hasta cierto punto es un estricto deber no ocultar, ahora, aquellos documentos de importancia y autenticidad que dan una idea precisa é intachable, de las cosas, situaciones y personas, así como de los móviles de esta guerra. (*Archivo Americano Tomo II*, 330)

Os “documentos de importância e autenticidade” sobre os quais De Angelis se referia aqui eram cartas trocadas dois anos antes, entre março e junho de 1843, por Fructuoso Rivera, Santiago Vasquez e John Brett Purvis – os dois primeiros, líderes colorados que no momento da escrita das missivas começavam a ser sitiados por Manuel Oribe em Montevideu; o último, o oficial da marinha inglesa que, então, os auxiliaria a enfraquecer o cerco, levantando o bloqueio ao porto da cidade uruguaia imposto por Rosas. As correspondências pessoais serviriam para dar uma “ideia precisa” de quem eram e como agiam os opositores de Rosas, pois nelas, conforme Pedro de Angelis, eles “no podían, ni les convenía fingir ó disimular”: era “donde francamente se comunican entre sí. Ahí es precisamente donde se encuentra, en todos los negocios políticos, el verdadero tipo ó carácter de los principios, personas, hechos y pretensiones respectivas” (*Archivo Americano Tomo II*, 331).<sup>18</sup> Era preciso, pois, confiar nessas cartas enquanto “comprobantes” (*Archivo Americano Tomo II*, 331), como “documentos conducentes á fijar invariablemente hechos capitales” (*Archivo Americano Tomo II*, 330), já que “la fábula, en sus caracteres más atroces é infames, ha tomado los diarios” (*Archivo Americano Tomo II*, 331). Outras cartas de “inimigos” do regime seriam publicadas no *Archivo Americano*, sempre com a mesma intenção: demonstrar que eles confabulavam com os estrangeiros e colaboravam com as nações europeias que ameaçavam a soberania e a independência não só da Confederação Argentina, mas de todo o continente americano.

No *Archivo Americano*, entretanto, mais confiáveis do que correspondências de sujeitos que viviam o tempo dos acontecimentos sobre os quais escreviam eram os documentos oficiais, aqueles gerados pelos governos, seus representantes e funcionários nos exercícios de suas funções. Esses escritos eram valorizados por Pedro de Angelis e apareciam no periódico em profusão, sendo alguns reunidos em edições especiais, como se verá. O editor assumia que, para abordar eventos próximos e correntes tal como fazia então, os documentos oriundos da burocracia, além de incontestavelmente autênticos, seriam mais objetivos, produzidos sem subjetividades, despidos de paixões, exageros e falseamentos, já que seus autores não expressariam neles outras intenções além da execução de suas funções administrativas. Assim,

<sup>18</sup> Deve-se considerar que naquele momento ainda estavam distantes as reflexões sobre a “escrita de si” e os procedimentos de crítica documental às cartas – e também diários e memórias – que hoje realizamos, ao considerarmos os “efeitos de verdade” que elas causam nos leitores e as possibilidades de estes registros conterem enganos, falseamentos, ilusões ou adestramentos de si.

a transcrição deste tipo de documentação no *Archivo* auxiliava De Angelis a produzir algum sentido de credibilidade ao periódico, já que somente o uso de testemunhos, relatos e opiniões poderiam fazer transparecer a sua parcialidade – e o fato de o periódico ser oficial, o que se tentava ocultar. A contumaz publicação de papéis oficiais servia como critério de validação dos pontos de vista do editor – e do governo, por extensão; eles confirmavam e comprovavam ideias apresentadas, bem como instruíam e esclareciam sobre as questões em que Rosas estava envolvido:

Estão reunidos nas edições do *Archivo Americano* materiais que vão desde decretos, notas, circulares, comunicações e correspondências oficiais da província de Buenos Aires e de outras províncias da Confederação Argentina, proclamações de Juan Manuel de Rosas e boletins emitidos por seu exército, até atas das sessões da Sala de Representantes bonaerense. Também aparecem no jornal registros de sessões realizadas e de discursos proferidos nos parlamentos francês, inglês e brasileiro que abordavam a situação do Prata, bem como cartas, notas, negociações, acordos e tratados produzidos por órgãos e funcionários de relações exteriores da Confederação e de nações estrangeiras. Alguns destes documentos relativos à diplomacia rosista chegaram a ser compilados em edições temáticas: tratam-se de papéis que continham as mediações e negociações entre os governos de Buenos Aires – responsável por representar os interesses do conjunto das províncias argentinas no exterior desde 1835 –, da Inglaterra e da França para resolver os conflitos platinos que os envolviam, especialmente os que diziam respeito ao bloqueio anglo-francês ao porto de Buenos Aires iniciado em 1845.

Desde então até 1849, ano em que foram firmados tratados para que os navios estrangeiros desobstruíssem o porto bonaerense, diversas missões diplomáticas foram criadas trazendo ministros ingleses e franceses à América para estabelecer algum acordo com Rosas. A documentação oriunda destas missões foi selecionada e reunida por Pedro de Angelis no *Archivo Americano* em números dedicados especialmente a cada uma delas. Estas edições do jornal recebiam um tratamento mais cuidadoso do que as ordinárias: cada uma ganhava capa e título à parte, organização particular, bem como textos introdutórios produzidos pelo editor italiano<sup>19</sup>. Nelas, é possível encontrar muito do trabalho de compilador efetuado por De Angelis nas suas coleções de documentos anteriores; o erudito, de certa forma, continuava seu desejado ofício mesmo dentro do jornal, mesmo se ocupando de papéis do tempo presente.

Quando Buenos Aires voltou a enfrentar uma crise política no início de 1851 – o conflito com a aliança formada por Entre Ríos, Corrientes, Uruguai e Brasil para combater Rosas que acabou culminando com a derrocada de seu governo em 1852 –, mais uma vez se recorreu à produção de uma compilação documental a ser publicada no *Archivo*. Em setembro daquele ano foi lançada uma edição suplementar ao número 26 do jornal, contendo capa especial e sendo dedicada exclusivamente aos manuscritos de um único tema, como haviam sido feitas as coletâneas editadas durante o bloqueio anglo-francês. O “Apéndice al núm. 26 del Archivo Americano que contiene la correspondencia entre el Exmo. Señor General D. Juan Manuel de Rosas, Gefe Supremos de la Confederación Argentina Encargado de sus Relaciones Exteriores, General en Gefe de sus Ejércitos, y el Exmo. Señor Ministro Plenipotenciario de su Majestad

<sup>19</sup> São elas: “Colección de documentos oficiales sobre la Misión de los Ministros de S. M. Británica, y S. M. el Rey de los Franceses cerca del Gobierno de Buenos Aires, encargado de las relaciones exteriores de la Confederación Argentina” (número 22 do AA, de novembro de 1845); “Documentos Relativos a la Misión del Honorable Sr. D. Tomas Samuel Hood, agente especial del gobierno de S. M. B. cerca del gobierno de Buenos Aires, encargado de las relaciones exteriores de la Confederación Argentina” (número 31, dezembro 1846); “Serie de documentos oficiales y artículos correlativos a la misión de Lord Howden, y del Conde Walewski, ministros plenipotenciarios de los Gobiernos de Inglaterra y de Francia cerca del Gobierno de Buenos Aires, encargado de las relaciones exteriores de la Confederación Argentina” (número 5, fevereiro de 1848) e “Misión confiada a los Sres. Dn. Robert Gore, y Baron Gros por los Gobiernos de Inglaterra y Francia para arreglar la cuestión del Río de la Plata” (número 11, fevereiro de 1849).

Británica Honorable Caballero D. Henrique Southern con motivo de las inauditas agresiones del Gobierno Brasileiro” foi publicado nos idiomas em que regularmente se publicava o periódico e também em português (dado o confronto envolvendo o Império vizinho), com frontispício em cada uma das línguas. As notas trocadas entre Rosas e o ministro plenipotenciário britânico estabelecido em Buenos Aires eram ali impressas para evidenciar a crescente intromissão do Brasil nos assuntos do Prata.

As mensagens de Rosas e Southern foram escritas e postas a circular entre os missivistas no intervalo dos dias 18 e 23 de agosto de 1851; demorou menos de um mês após a data da última carta para que elas fossem reunidas no *Archivo Americano*. De Angelis afirma que decidiu publicá-las “en un apéndice por separado” da edição de número 26, que estava já impressa e pronta para ser lançada sem aquele anexo, “para no defraudar á nuestros lectores del pronto conocimiento de las muy importantes notas que forman el asunto de esta correspondencia oficial” (*Apéndice*, 30). Em um momento em que se presenciava uma “multiplicidade de acontecimentos” que se desenvolviam com “prontidão”, para retomar as palavras de De Angelis escritas em 1843 no material de divulgação do *Archivo Americano* com as quais iniciiei esta seção, os documentos do *Archivo* serviam, pois, para firmar posição, de forma imediata, sobre os assuntos que envolviam o governo rosista.<sup>20</sup> No entanto, a “*Correspondencia entre el Exmo. Señor General D. Juan Manuel de Rosas [...] y [...] D. Henrique Southern*” voltou a ser publicada um mês depois, no interior da edição 27 do periódico. De Angelis, então, anunciava e explicava a reedição dos manuscritos reproduzindo *ipsis litteris* seu argumento utilizado no apêndice do número 26 que citamos acima, mas adicionando uma outra justificativa ao final de seus dizeres:

Para no defraudar á nuestros lectores del pronto conocimiento de las muy importantes notas que forman el asunto de esta correspondencia oficial, nos hemos decidido á publicarlas en apéndice por separado; y el deseo de conservarlas en el Archivo, nos induce á insertarlas integralmente en el presente número de nuestro diario. (*Archivo Americano* No. 27, 71)

O desejo e a necessidade de conservação que também aparecem no texto do prospecto do jornal que citei na abertura da seção são retomados, como se pode ler acima. Pedro de Angelis, afinal, não criava um *Archivo* de documentos somente para que eles fossem lidos por seus coetâneos e para que orientassem a interpretação dos acontecimentos no tempo em que ocorriam; havia também a pretensão de conservar o presente para que se tornasse história no futuro.

### Considerações Finais

Já que “controle do arquivo é controle da memória”, conforme afirma Aleida Assmann (368), no *Archivo Americano y Espiritu de la Prensa del Mundo* Pedro de Angelis conformou um conjunto de documentos, então do tempo presente, para forjar uma memória do experienciado na Confederação Argentina, divulgá-la em seu tempo e guardá-la para o futuro. O erudito trabalhava no jornal para produzir e tentar consolidar eventos e verdades a partir do ponto de vista e dos interesses do rosismo e de seu líder, em contraposição às imagens narradas e com antecipação às que ainda viriam a ser contadas pelos “inimigos” da Confederação, fossem as

<sup>20</sup> É importante ressaltar que De Angelis expressou mais de uma vez em suas mensagens ao governador a preocupação que tinha de que determinados documentos devessem ser publicados no *Archivo Americano* imediatamente, em sintonia com os acontecimentos correntes. Em 14 de janeiro de 1847, por exemplo, escrevia para Rosas que “[...] para dar alguna actualidad al núm. pendiente del Archivo, me atrevo à proponer à V.E. de agregar la declaración importante del alférez Alcina sobre el ataque de Paisandú. Estos detalles es muy conveniente que circulen con la mayor prontitud” (De Angelis, *Carta a Juan Manuel de Rosas*, 1847).

nações que a ameaçavam e inquietavam, fossem os românticos da Geração de 1837. Com os documentos que publicava naquele *Archivo*, De Angelis registrava e legitimava as ideias e os atos de Juan Manuel de Rosas e seu grupo e, também, apagava e manipulava as interpretações e ações dos seus oponentes.

Penso o *Archivo Americano*, portanto, como muitos estudiosos, inspirados por Michel Foucault em *Arqueologia do Saber* (1969) e por Jacques Derrida em *Mal de Arquivo* (1994), têm refletido os repositórios de documentos constituídos por Estados, grupos (políticos, identitários...) ou indivíduos: como dispositivos de memória e de exercício de poder. Essas análises buscam repensar o papel do arquivo, localizando-o como lugar de produção de narrativas e de conhecimento e deixando de lado as reflexões que tendem a “naturalizar” os processos de construção e conservação de conjuntos documentais. Neste sentido, Derrida afirmou em uma fala proferida em 1999 que

não há arquivo que não implique um poder de destruição, de seleção ou de exclusão; é um poder eminentemente político que se exerce como poder de legitimação [...]. A partir do momento em que há arquivamento, está em jogo não somente o passado, mas também o futuro. O ato de arquivamento que deve conservar é também um ato de amnésia. A amnésia está em curso na memória guardada, no ato que deposita. Na guarda arquivística, há tanto de esquecimento (ativo ou não) como de memória. (qtd. in Heymann 25-26)

### Trabalhos citados

#### Fontes

*Apéndice al núm. 26 del Archivo Americano que contiene la correspondencia entre el Exmo. Señor General D. Juan Manuel de Rosas, Gefe Supremo de la Confederación Argentina Encargado de sus Relaciones Exteriores, General en Gefe de sus Ejércitos, y el Exmo. Señor Ministro Plenipotenciario de su Majestad Británica Honorable Caballero D. Henrique Southern con motivo de las inauditas agresiones del Gobierno Brasilerio* [Buenos Aires], 20 Sep. 1851. Impreso.

*Archivo Americano y Espiritu de la Prensa del Mundo. Primera reimpression del texto español conforme la edición original. 1843-1851. Tomo 1.* Editorial Americana, 1946.

*Archivo Americano y Espiritu de la Prensa del Mundo. Primera reimpression del texto español conforme la edición original. 1843-1851. Tomo 2.* Editorial Americana, 1947.

*Archivo Americano y Espiritu de la Prensa del Mundo No. 1* [Buenos Aires], 12 Jun. 1843. Impreso.

*Archivo Americano y Espiritu de la Prensa del Mundo No. 13* [Buenos Aires], 15 May. 1849. Impreso.

*Archivo Americano y Espiritu de la Prensa del Mundo No. 27* [Buenos Aires], 31 Oct. 1851.

*Archivo Americano y Espiritu de la Prensa del Mundo No. 32* [Buenos Aires], 28 Ene. 1847. Impreso.

De Angelis, Pedro. Carta a Carlos Zucchi. 5 Giugno 1843. *Lettere Dai Due Mondi. Pietro di Angelis e altri corrispondenti di Carlo Zucchi*, comp. por Gino Badini, Archivio di Satato di Reggio Emilia, 1999, p. 243. Impreso.

De Angelis, Pedro. Carta a Juan Manuel de Rosas. 14 Enero 1847. Secretaria de Rosas, Sala X, Archivo General de la Nación, Buenos Aires, Legajo 26-05-05. Manuscrito.

De Angelis, Pedro. Carta a Juan Manuel de Rosas. 23 Mayo 1843. Secretaria de Rosas, Sala X, Archivo General de la Nación, Buenos Aires, Legajo 23-03-02 A. Manuscrito.

De Angelis, Pedro. Carta ao Governo da Província de Buenos Aires. 4 Enero 1836. Sala X, Hacienda, Archivo General de la Nación, Buenos Aires, Legajo 16-08-1. Manuscrito.

De Angelis, Pedro. Circular de Pedro de Angelis pedindo a assinatura para uma obra que pretende publicar sobre as Províncias do Rio da Prata. Mar. 1941. Coleção Instituto Histórico, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, Lata 180, Doc. 75. Impresso.

### **Bibliografia**

- Amante, Adriana. *Poéticas y políticas del destierro. Argentinos en Brasil en la época de Rosas*. FCE, 2010.
- Baltar, Rosalía. *Letrados en tiempos de Rosas*. Eudem, 2012.
- Assmann, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Editora da UNICAMP, 2011.
- Echeverría, Esteban. *Dogma Socialista y otras páginas políticas*. Ediciones Estrada, 1948.
- Guimarães, Manoel Salgado “História e erudição.” *Aprender com a história? O passado e o futuro de uma questão*, comp. por Fernando Nicolazzi et al. Editora FGV, 2011, pp. 43-58.
- Halperin Donghi, Tulio. *De la revolución de independencia a la Confederación Rosista*. Paidós, 2010.
- Hartog, François. “A testemunha e o historiador.” *Fronteiras do Milênio*, comp. por Sandra Pesavento. Editora da Universidade/UFRGS, 2001, pp. 11-41.
- Hartog, François. *Regímenes de historicidad: presentismo y experiencias del tiempo*. Universidad Iberoamericana, 2007.
- Heymann, Luciana Quillet. *O lugar do arquivo: a construção do legado de Darcy Ribeiro*. Contra Capa; FAPERJ, 2012.
- Myers, Jorge. *Orden y virtud. El discurso republicano en el regimen rosista*. Universidad Nacional de Quilmes, 1995.
- Reguera, Andrea. “Los edecanes de Juan Manuel de Rosas. La confianza en la delegación y representación personal del poder.” *Travesía*, vol. 19, no. 1, enero-junio de 2017, pp. 51-76.
- Román, Cláudia. “Caricatura y política en *El Grito Argentino* (1839) e *¡Muera Rosas!* (1841-1842)”. *Resonancias románticas: ensayos sobre historia de la cultura argentina, 1820-1890*, comp. por Graciela Batticuore et al., Eudeba, 2005, pp. 49-69.
- Sabor, Josefa. *Pedro de Angelis y los orígenes de la bibliografía argentina: ensayo bio-bibliográfico*. Solar, 1995.
- Sahlins, Marshall. *Ilhas de História*. Zahar, 2011.
- Sarmiento, Domingo et al. *Obras de D.F. Sarmiento, Volume 38: Conflicto y armonías de las razas en América*. Belin Hermanos, 1900.
- Ternavasio, Marcela. *Historia de Argentina. 1806-1852*. Siglo Veintiuno Editores, 2009.
- Weinberg, Félix. “El periodismo en la época de Rosas.” *Revista de Historia*, no. 2, 1957 p. 81-100.
- Weiss, Ignacio. “Juan Manuel de Rosas, Pedro de Angelis y el Archivo Americano.” *Archivo Americano y Espíritu de la Prensa del Mundo. Primera reimpression del texto español conforme la edición original. 1843-1851. Tomo 1*. Editorial Americana, 1946, pp. 7-60.